

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA – CESTB
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Estudo Etnobotânico da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) e suas Utilizações na Medicina Popular pelos Moradores do Bairro Vila Paraíso, no Município de Tabatinga – AM

TABATINGA-AM

2025

SARA FRANCISCA LUCAS SEABRA

Estudo Etnobotânico da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) e suas Utilizações na Medicina Popular pelos Moradores do Bairro Vila Paraíso, no Município de Tabatinga – AM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Estudos Superiores de Tabatinga da Universidade do Estado do Amazonas (CESTB/UEA), como requisito para obtenção de nota final para o grau de Licenciatura em Ciências Biológicas, sob a Orientação da Prof.^a Dra. Maria Del Pilar Diaz de Garcia.

TABATINGA-AM

2025



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ATA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

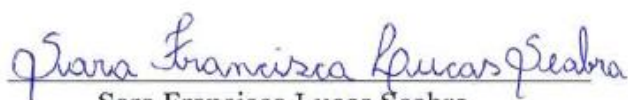
SARA FRANCISCA LUCAS SEABRA

ESTUDO ETNOBOTÂNICO DA *Malachra alceifolia Jacq.* (MALVA) E SUAS UTILIZAÇÕES NA MEDICINA POPULAR PELOS MORADORES DO BAIRRO VILA PARAÍSO, NO MUNICÍPIO DE TABATINGA – AM


Aos vinte e três dias (23) dias do mês de junho de dois mil e vinte e cinco, a aluna acima citada foi avaliada pela Comissão de Avaliação composta por Dra. Maria Del Pilar Diaz de Garcia - Presidente, Dr. Sebastião Rocha de Sousa – Membro e Ma. Ana Paula Bonifácio Barroso Tenazor – Membro.

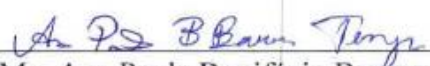
Aprovada aos 23 dias de junho de 2025

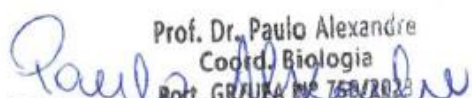
TIPO DE AVALIAÇÃO	NOTA DOS AVALIADORES			MÉDIAS
	1º Avaliador	2º Avaliador	3º Avaliador	
ESCRITA	10,0	10,0	10,0	10,0
ORAL	10,0	10,0	10,0	10,0
NOTA FINAL (MÉDIA FINAL)				10,0


Sara Francisca Lucas Seabra
Aluna


Dra. Maria Del Pilar Diaz de Garcia
1ª Avaliadora


Dr. Sebastião Rocha de Sousa
2ª Avaliador


Ma. Ana Paula Bonifácio Barroso Tenazor
3ª Avaliadora


Prof. Dr. Paulo Alexandre
Coord. Biologia
Port. GR/UEA Nº 758/2025
Dr. Paulo Alexandre Lima Santiago
Coordenador do Curso de Ciências Biológicas

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a). **Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

S438e Seabra, Sara Francisca Lucas
Estudo Etnobotânico da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) e suas Utilizações na Medicina Popular pelos Moradores do Bairro Vila Paraíso, no Município de Tabatinga-AM / Sara Francisca Lucas Seabra . Manaus : [s.n], 2025.
45 f.: color.; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Ciências Biológicas- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Bibliografia.

Inclui Apêndice.

Orientador: Garcia, Maria Del Pilar Diaz de.

1. *Malachra alceifolia* Jacq.. 2. Etnobotânica . 3. Medicina Popular. 4. Plantas Mediciniais. 5. Saber Tradicional. I. Garcia, Maria Del Pilar Diaz de (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)57

Dedico este trabalho a meus pais Wagno Santos do Nascimento e Rivaniilde Martins Lucas que desde o início da minha jornada acadêmica estiveram me apoiando e contribuindo com meu aprendizado, desejando sempre um futuro melhor, uma vida cheia de alegria e conquistas! Essa vitória é nossa, amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida, por estar presente, olhar e cuidar de mim. Por me manter de pé diante dos obstáculos, segurar a minha mão e não deixar a insegurança e a tristeza tomar conta de mim. Por me proporcionar sabedoria e coragem para seguir em frente.

Aos meus pais Wagno Santos do Nascimento e Rivaniilde Martins Lucas, que sempre estiveram ao meu lado dando suporte em meus estudos. Contando os dias para que esse sonho seja realizado. Sou eternamente grata por tudo que vocês fizeram e fazem por mim.

Aos meus avós Martins Lucas e Vitória Martins Lucas, que tanto torcem pelo meu sucesso. O incentivo constante de cada um me motivou a seguir confiante, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Ao meu namorado Luis Davi da Silva Rodrigues, agradeço pelo amor, força e parceria. Sua paciência, compreensão e carinho me ajudaram a superar os desafios e a concluir esta etapa da minha vida.

A minha orientadora, Professora Doutora Maria Del Pilar Diaz de Garcia. Sua dedicação, conhecimento e motivação foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Sem seu apoio e orientação, nada disso seria possível. Agradeço por ter acreditado em mim e por compartilhar sua experiência, que fez toda a diferença na realização deste projeto.

As minhas amigas Aldiane, Angélica, Bárbara, Francimeire, Maely, Naíra, Raquel, Sabrina e Sandriely, que tornaram essa jornada mais leve e enriquecedora. Obrigado pela união, dedicação, companheirismo, trocas de ideias e por todos os momentos que compartilhamos durante este processo.

Aos meus sogros José Ferreira Rodrigues e Elisete da Silva Rodrigues, pelas palavras de apoio e pela torcida.

A Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Campus CESTB no Município de Tabatinga, sou grata pela oportunidade de aprendizado e crescimento.

Por fim, agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste sonho. Minha eterna gratidão a cada um.

“Se quer viver uma vida feliz, amarre-se a uma meta, não às pessoas nem às coisas”

(Albert Einstein)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o conhecimento etnobotânico sobre a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) e suas aplicações na medicina popular pelos moradores do bairro Vila Paraíso, no município de Tabatinga-AM. A pesquisa foi desenvolvida com abordagem quanti-qualitativa, utilizando entrevistas com 25 residentes da comunidade, observações em campo e coleta de amostras botânicas. Os dados obtidos demonstram que a planta é bastante conhecida e utilizada, principalmente por mulheres, sendo indicada para o tratamento de diversas enfermidades como infecções urinárias, problemas digestivos, febre, dores e inflamações. As

formas de uso incluem banho, chá, garrafada, sumo e emplasto, e as partes mais utilizadas são as folhas. A transmissão do conhecimento ocorre predominantemente por via materna e familiar, porém enfrenta risco de desaparecimento diante do avanço da medicina alopática e da modernização dos hábitos de vida. A maioria dos entrevistados reconhece que os saberes tradicionais estão se perdendo entre as gerações mais jovens. A pesquisa evidencia a relevância da valorização das práticas de cura tradicionais, reforçando a importância da preservação do conhecimento popular e do uso sustentável das plantas medicinais na região amazônica.

Palavras-chave: *Malachra alceifolia* Jacq. Etnobotânica. Medicina Popular. Plantas Mediciniais. Saber Tradicional.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo investigar el conocimiento etnobotánico sobre *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) y sus aplicaciones en la medicina popular por habitantes del barrio Vila Paraíso, del municipio de Tabatinga-AM. La investigación fue desarrollada con un enfoque cuantitativo-cualitativo, utilizando entrevistas a 25 pobladores de la comunidad, observaciones de campo y colección de muestras botánicas. Los datos obtenidos demuestran que la planta es muy conocida y utilizada, principalmente por mujeres, siendo indicada para el tratamiento de

diversas enfermedades como infecciones urinarias, problemas digestivos, fiebre, dolores e inflamaciones. Las formas de uso incluyen baño, té, preparación en botellas, jugo y cataplasma, y las partes más utilizadas son las hojas. La transmisión del conocimiento se produce predominantemente por vía materna y familiar, pero corre el riesgo de desaparecer debido al avance de la medicina alopática y a la modernización de los hábitos de vida. La mayoría de los entrevistados reconocen que el conocimiento tradicional se está perdiendo entre las generaciones más jóvenes. La investigación destaca la relevancia de valorar las prácticas curativas tradicionales, reforzando la importancia de preservar el conocimiento popular y el uso sostenible de las plantas medicinales en la región amazónica.

Palabras-clave: *Malachra alceifolia* Jacq. Etnobotánica. Medicina Popular. Plantas medicinales. Conocimiento tradicional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Imagem via satélite do Município de Tabatinga -AM	18
Figura 2. Área de Pesquisa.	19
Figura 3. A) Variedade de plantas medicinais; B) <i>Malachra alceifolia</i> Jacq. (malva).	23
Figura 4. A, B Espécie <i>Malachra alceifolia</i> Jacq. (malva) apresentando flores.	23
Figura 5. Idade dos entrevistados no bairro Vila Paraíso, no município de Tabatinga- AM. ...	26
Figura 6. Indivíduos do sexo feminino e masculino entrevistados no bairro Vila Paraíso no município de Tabatinga-AM.	27
Figura 7. Nível de escolaridade dos entrevistados no bairro Vila Paraíso no município de Tabatinga-AM.	28

Figura 8. Número de entrevistados que conhecem a malva no bairro Vila Paraíso no município de Tabatinga-AM.....	29
Figura 9. Nomes populares da planta medicinal <i>Malachra alceifolia</i> Jacq. (malva).....	30
Figura 10. Diferentes formas de utilização da <i>Malachra alceifolia</i> Jacq. (malva).....	31
Figura 11. Preparo do banho com folhas frescas.....	32
Figura 12. Infusão do chá.....	33
Figura 13. Garrafada com segmentos do caule.....	34
Figura 14. Preparo do sumo com folhas frescas.....	35
Figura 15. Aplicação de emplasto com folhas aquecidas.....	36
Figura 16. Indicações de Uso da <i>Malachra alceifolia</i> Jacq. (malva) no tratamento de doenças.....	37
Figura 17. Distribuição das plantas utilizadas em associação com a <i>Malachra alceifolia</i> Jacq. (malva).....	38
Figura 18. Fontes de Aprendizado sobre a utilização da <i>Malachra alceifolia</i> Jacq. (malva).....	39
Figura 19. Gráfico sobre a perda do conhecimento tradicional em plantas medicinais.....	40

LISTA DE QUADRO

Quadro 1. Questionário sobre o conhecimento etnobotânico da <i>Malachra alceifolia</i> Jacq. (malva).....	21
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	13
2.1 Objetivo Geral:	13
2.2 Objetivos Específicos:	13
3. REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 Etnobotânica	14
3.2 Plantas Medicinais	15
3.3. Distribuição Geográfica da espécie <i>Malachra alceifolia</i> Jacq. (malva).....	17

4. MATERIAIS E MÉTODOS.....	18
4.1 Área de Estudo	18
4.2 Município de Tabatinga-AM.....	18
4.3 Área de Pesquisa.....	19
5. METODOLOGIA	20
5.1 Coleta de Dados.....	21
5.2 Visita e Observações no local onde as amostras foram coletadas.....	23
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
6.1. Características Botânicas da Família Malvaceae.....	24
6.2 Descrição da Espécie <i>Malachra alceifolia</i> jacq. (malva).....	24
6.3 Entrevistados no Bairro Vila Paraíso, no Município de Tabatinga- AM.	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda o estudo etnobotânico da *Malachra alceifolia* Jacq., conhecida como malva, e suas utilizações na medicina popular pelos moradores do bairro Vila Paraíso, localizado no município de Tabatinga – Amazonas. A partir da observação da realidade local e das conversas com os moradores da comunidade, surgiram as seguintes questões: A malva é uma planta utilizada como recurso terapêutico? O conhecimento sobre suas propriedades medicinais está sendo transmitido entre as gerações ou se encontra em processo de esquecimento?

Duas hipóteses nortearam o desenvolvimento deste trabalho. A primeira: A planta desempenha um papel significativo como uma alternativa viável e eficaz no tratamento de diversas enfermidades, destacando-se como uma opção natural que pode complementar ou até oferecer um tratamento distinto em relação às abordagens médicas tradicionais. Essa relevância se deve às suas propriedades medicinais reconhecidas, que têm sido utilizadas ao longo da história e que merecem ser investigadas e valorizadas na medicina contemporânea.

A segunda hipótese: A malva possui um histórico rico e importante no contexto das práticas de saúde tradicionais, mas observa-se que o conhecimento popular sobre suas propriedades benéficas tem diminuído consideravelmente, especialmente entre as gerações mais jovens, que muitas vezes não têm acesso a informações adequadas sobre as tradições medicinais de seus antepassados. Esse fenômeno pode ser atribuído à crescente preferência e dependência da medicina convencional, que, embora eficaz, pode não considerar plenamente as alternativas naturais disponíveis. Essa perda de conhecimento cultural ressalta a necessidade de iniciativas educativas que promovam a valorização das práticas tradicionais e incentivem um maior reconhecimento do potencial dos tratamentos naturais na promoção da saúde.

É crucial reconhecer o papel das plantas medicinais na diversidade cultural brasileira, onde cada região possui saberes únicos que refletem sua história e modos de vida. A escolha pelo estudo da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva), justifica-se pela sua presença marcante nos quintais da região e pela necessidade de registrar e valorizar os conhecimentos tradicionais associados ao uso dessa planta, empregada na medicina popular pelos moradores do bairro Vila Paraíso em Tabatinga-AM. Além disso, a planta traz benefícios à comunidade, contribuindo para a saúde e bem-estar dos moradores. Esta pesquisa contribui para a preservação da cultura local e do saber ancestral, além de oferecer suporte para futuras investigações científicas sobre suas propriedades medicinais. Em um cenário de crescente perda de conhecimentos tradicionais, compreender como esses saberes são transmitidos e utilizados é fundamental para

garantir sua continuidade e estimular a integração entre medicina tradicional e práticas de saúde pública.

Este estudo tem como objetivo geral investigar o conhecimento etnobotânico sobre a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) e suas utilizações na medicina popular pelos moradores do bairro Vila Paraíso, no município de Tabatinga – AM. Para alcançar essa finalidade, foram definidos os seguintes objetivos específicos: coletar material botânico da espécie em estudo; identificar a espécie estudada; descrever de forma sucinta as características botânicas da família Malvaceae; realizar entrevistas através de questionários semiestruturados; analisar os conhecimentos tradicionais dos moradores sobre a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva); avaliar como o conhecimento de plantas medicinais foi transmitido de geração em geração.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral:

Investigar o conhecimento etnobotânico sobre a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) e suas utilizações na medicina popular pelos moradores do bairro Vila Paraíso, no município de Tabatinga – AM.

2.2 Objetivos Específicos:

- Coletar material botânico da espécie em estudo.
- Identificar a espécie estudada.
- Descrever de forma sucinta as características botânicas da família Malvaceae.
- Realizar entrevistas através de questionários semiestruturados.
- Analisar os conhecimentos tradicionais dos moradores sobre a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva).
- Avaliar como o conhecimento de plantas medicinais foi transmitido de geração em geração.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Etnobotânica

Albuquerque (2005) explica que a etnobotânica investiga como as pessoas utilizam, interpretam e se relacionam com as plantas em suas práticas culturais.

De acordo com Pereira (2023), a etnobotânica pode ser entendida como a ciência que analisa a relação entre as plantas e os seres humanos ao longo do tempo, considerando o uso empírico de plantas no tratamento de doenças, assim como as variações culturais e as diversas maneiras de interpretar, explicar e tratar enfermidades, o que ajuda na compreensão do ser humano

A etnobotânica é uma área que se destaca por revelar como as pessoas usam as plantas em seu cotidiano, seja, para remédios, alimentação ou outros fins. Ela valoriza o saber tradicional das comunidades e integra diferentes campos do conhecimento, fortalecendo a pesquisa científica e contribuindo para a preservação cultural e ambiental (Amorozo, 1996).

Segundo Passos:

“A etnobotânica é uma ciência, e como tal, privilegia o conhecimento mediante a observação e experiências que agregados a outros processos somam significativamente para que a finalidade seja a interação entre as plantas e o ser humano” (Passos, 2019, p.17).

Com isso, este estudo da planta medicinal *Malachra alceifolia* Jacq. (malva), possibilitou a integração entre plantas e humanos, observando os conhecimentos tradicionais e adquirindo experiência ao fazer o uso terapêutico. Diegues (2000), visa que a relação entre os humanos e a natureza constitui uma conexão distinta, forte e inseparável. Dessa forma, as pesquisas etnobotânicas desempenham um papel crucial na valorização dos saberes ancestrais, assegurando a preservação da cultura comunitária e incentivando a conservação e o manejo sustentável dos recursos naturais.

Conforme Leite *et al.* (2015), a etnobotânica tem sido foco de pesquisa em todo o mundo e no Brasil, onde diversas áreas de estudo buscam recuperar o saber popular sobre plantas, suas aplicações e, especialmente, seu uso medicinal.

3.2 Plantas Medicinais

Com o passar do tempo, a busca por novas plantas medicinais levou a descobertas no campo botânico e vice-versa. Essa conexão entre as duas áreas era clara, especialmente em um período em que tanto a botânica quanto as farmacopeias estavam em estágios iniciais de evolução. Assim, diversas plantas foram nomeadas com base nos seus usos terapêuticos ou nas propriedades que foram validadas empiricamente por comunidades nativas (Lorenzi; Matos, 2008).

Lorenzi e Matos (2008), afirmam em seus estudos, que os primeiros europeus que chegaram ao Brasil encontraram uma abundância de plantas medicinais utilizadas pelas tribos indígenas. O conhecimento sobre essas ervas era passado de geração em geração pelos pajés. Os europeus rapidamente aprenderam sobre essas plantas, especialmente aqueles que exploravam o interior do país em busca de recursos ou apreensão de índios. A necessidade de se adaptar ao ambiente e a interação com os nativos, que frequentemente atuavam como guias, ajudaram a aprofundar o conhecimento europeu sobre a flora medicinal brasileira.

Dessa forma, o uso de plantas para tratar doenças é uma prática antiga, transmitida ao longo das gerações. Nos últimos anos, as pesquisas sobre plantas da medicina popular têm aumentado, impulsionadas pelos resultados positivos que muitas pessoas têm conquistado através delas. Além disso, o excesso de medicamentos químicos e o alto custo dos remédios industrializados tem levado mais indivíduos a buscar conhecimentos sobre como utilizar e comercializar plantas medicinais (Moraes, 2015).

Segundo a ANVISA (2022), uma planta é considerada medicinal quando contém substância que podem ajudar a prevenir, curar ou tratar doenças em humanos. Quando o remédio é feito a partir de uma planta medicinal, ele é chamado de fitoterápico. As pessoas usam plantas medicinais para tratar doenças há milhares de anos, mas é importante usar essas plantas com cuidado e conhecimento, pois o uso inadequado pode trazer mais problemas do que benefícios.

Feitoza, Pereira, afirmam que:

As plantas medicinais são uma rica fonte de compostos ativos, que foram descobertos pelas suas propriedades medicinais ao longo da história. A diversidade de compostos encontrados nas plantas torna-as uma fonte potencial de medicamentos e tratamentos naturais para uma variedade de condições de saúde. Nesse contexto, é importante compreender as propriedades das plantas medicinais e como esses compostos ativos contribuem para o seu potencial medicinal (Feitoza; Pereira, 2024, p.84).

As plantas medicinais e os fitoterápicos são compostos por inúmeras substâncias com diferentes efeitos, que agem em conjunto para obtenção da ação terapêutica. Assim, é importante que sejam manipulados e/ou fabricados do modo mais apropriado para obtenção dos efeitos desejáveis e redução de possíveis efeitos tóxicos, que podem aparecer imediatamente, ou após longo tempo de uso do produto (ANVISA, 2022).

Este levantamento sobre a planta *Malachra alceifolia* Jacq. (malva), indica que ela é reconhecida como uma planta medicinal, em virtude de seus princípios ativos fitoterápicos, os quais são empregados no tratamento de diversas doenças na comunidade. A utilização dessa planta não apenas reflete o conhecimento tradicional acumulado ao longo dos anos, mas também destaca a importância da pesquisa científica para validar suas propriedades terapêuticas e promover seu uso seguro e eficaz.

3.3. Distribuição Geográfica da espécie *Malachra alceifolia* Jacq. (malva).

Cervantes-Ceballos *et al.* (2022) afirmam que a espécie *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) é nativa da Colômbia e se distribui em regiões biogeográficas como Andina, Caribe e Pacífico. Pode ser encontrada em altitudes que variam de 0 a 1800 metros acima do nível do mar (msnm). Seu habitat inclui florestas, bosques, savanas, matagal, zonas úmidas, tanto naturais quanto artificiais.

A planta é encontrada em vários países como Belize, Brasil, Costa Rica, Colômbia, Equador, Guiana, Guatemala, Guiana Francesa, Gana, Granada, Índia, Jamaica, Martinica, México, Peru, Panamá, Filipinas, Porto Rico, Suriname, Tailândia e Venezuela. (Cervantes-Ceballos *et al.*, 2022).

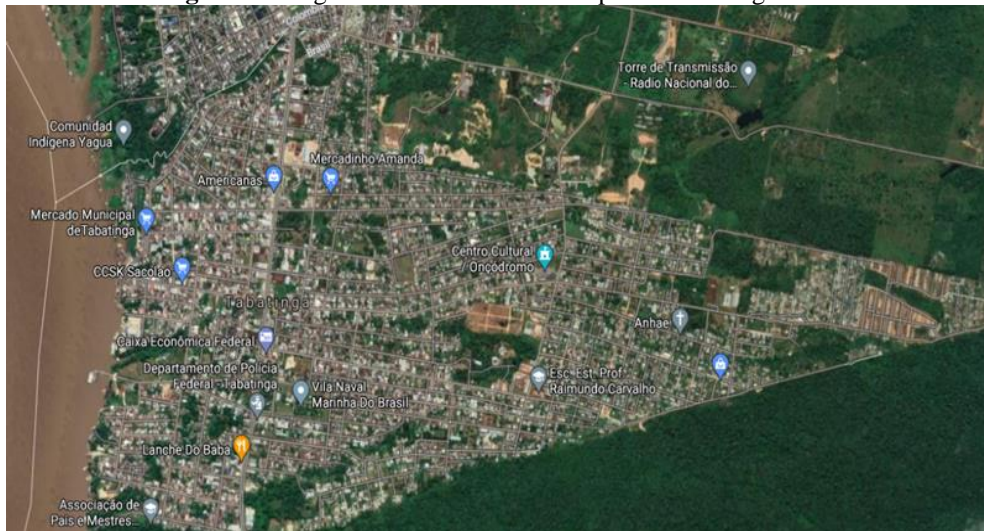
4. MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 Área de Estudo

4.2 Município de Tabatinga-AM

O presente estudo foi realizado no município de Tabatinga localizado no interior do estado do Amazonas, fazendo fronteira com a Colômbia e o Peru (Figura 1). A população é mista, pois apresenta brasileiros, peruanos, colombianos e também indígenas de diversas etnias. Com as seguintes coordenadas geográficas: Latitude 4° 15' 12" Sul, Longitude: 69° 56' 19" Oeste.

Figura 1. Imagem via satélite do Município de Tabatinga -AM



Fonte: Google Maps, 2024.

No censo realizado no ano de 2022, a população era de 66.764 habitantes com uma densidade demográfica de 20,48 habitantes por quilômetro quadrado. Na comparação com outros municípios do estado, Tabatinga ocupava as posições 7^a e 3^a em um ranking de 62 municípios. Em comparação com municípios de todo o país, ela ocupava as posições 490^a e 3140^a de 5570 municípios. Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2024 a população era de 72.283 pessoas.

4.3. Área de Pesquisa

A figura 2, mostra a área de pesquisa, onde foram realizadas as 25 entrevistas com os moradores do bairro Vila Paraíso, no município de Tabatinga-AM, através das quais se constatou o conhecimento popular sobre a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva).

Figura 2. Área de Pesquisa.



Fonte: Google Maps, 2024.

O bairro Vila Paraíso está localizado na rua Edson Soares e apresenta as seguintes coordenadas geográficas: Latitude de 4° 13' 52.1" Sul, Longitude de 69° 55' 22.1" Oeste. Com área total de 122.132 m² (1.314.622,82 ft²), com distância total de 2,10 km (1,30mi).

5. METODOLOGIA

A presente pesquisa apresenta o estudo etnobotânico da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) e suas utilizações na medicina popular pelos moradores do bairro Vila Paraíso no município de Tabatinga- AM.

Este levantamento contou com a participação de 25 moradores do bairro Vila Paraíso, no município de Tabatinga-AM, representando a frequência absoluta da amostra estudada. Esse total corresponde a 100% da frequência relativa dos entrevistados, sobre os quais foram analisados diversos aspectos relacionados ao conhecimento, uso e transmissão de saberes sobre a planta medicinal *Malachra alceifolia* Jacq. (malva). Todas as informações coletadas e discutidas ao longo deste trabalho têm como base esse universo amostral, o que garante consistência e representatividade aos resultados obtidos.

Lopes (2003) define que a frequência absoluta é o número de vezes que um valor aparece em um conjunto de dados. A frequência relativa é a proporção de vezes que um valor aparece em relação ao total de valores. É calculada dividindo a frequência absoluta de um valor pelo número total de valores.

A abordagem metodológica adotada neste estudo foi de natureza quantitativa e qualitativa, pois se buscou compreender tanto os aspectos mensuráveis quanto os significados e experiência associados ao uso da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) na medicina popular. A pesquisa quantitativa permitiu analisar dados objetivos obtidos por meio de questionários aplicados, gerando informações numéricas sobre faixa etária, escolaridade, forma de uso da planta e frequência de utilização. Já a abordagem qualitativa foi essencial para captar os relatos, as crenças, os saberes tradicionais e o contexto cultural no qual se insere o uso da malva, valorizando a percepção dos entrevistados sobre a eficácia terapêutica da planta.

A pesquisa quanti-qualitativa é o método que combina a análise estatística com a exploração dos significados das interações humanas, priorizando uma compreensão mais profunda do assunto em questão, o que torna a interpretação dos dados coletados mais acessível (Figueiredo, 2009).

Para melhor exemplificar as pesquisas qualitativa e quantitativa, é importante citar as observações de Proetti:

A pesquisa qualitativa não tem como objetivo a quantificação, mas sim orientar o desenvolvimento de investigações que procuram respostas que possibilitem compreender, descrever e interpretar fenômenos. Essa abordagem permite ao pesquisador ter um contato direto e interativo com o objeto de estudo. Por outro lado, a pesquisa quantitativa adere a um plano de estudo rigoroso, previamente definido,

com hipóteses e variáveis estabelecidas pelo pesquisador. Seu propósito é contar e mensurar eventos de maneira objetiva e precisa (Proetti, 2017).

Este estudo teve início com entrevistas realizadas por meio de questionários aplicados a moradores do bairro Vila Paraíso, abrangendo pessoas de idades diferentes, visando avaliar o conhecimento tradicional da comunidade sobre a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva).

Realizou-se visitas e observações no local, onde o material botânico foi registrado através de fotos e coletado para a realização do processo de herborização da espécie, que envolve a limpeza, prensagem, secagem e montagem das amostras em cartolina ou papel cartão, com informações relevantes da planta, formando assim as exsicatas. Na qual, foram armazenadas no Herbário Didático de Botânica Aplicada (HEDIBOTA) do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga da Universidade do Estado do Amazonas (CESTB/UEA). Durante a pesquisa, foi possível coletar informações sobre o preparo do remédio caseiro utilizado como medicina curativa para diversas enfermidades.

5.1 Coleta de Dados

Foi realizado um questionário contendo 12 questões semiestruturadas (Quadro 1). Optou-se pela entrevista semiestruturada, que segundo Triviños (1987), permite uma combinação de perguntas básicas e flexibilidade para explorar novas questões durante a conversa. Isso facilita a obtenção de informações mais completas e detalhadas, onde o informante pode compartilhar suas experiências e reflexões de forma espontânea, contribuindo para uma compreensão mais profunda do tema em estudo.

Aplicou-se um questionário com os moradores do bairro Vila Paraíso sobre o conhecimento etnobotânico de plantas medicinais, com foco especial na *Malachra alceifolia* Jacq. (malva). Foram entrevistadas 25 pessoas de diferentes faixas etárias.

Quadro 1. Questionário sobre o conhecimento etnobotânico da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva).

1) Nome do entrevistado (a):.....	
2) Idade:.....Sexo:.....	
3) Escolaridade:	
<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental Completo	<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto
<input type="checkbox"/> Ensino Médio Completo	<input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto
<input type="checkbox"/> Ensino Superior Completo	<input type="checkbox"/> Ensino Superior incompleto
4. Você conhece a planta malva?	

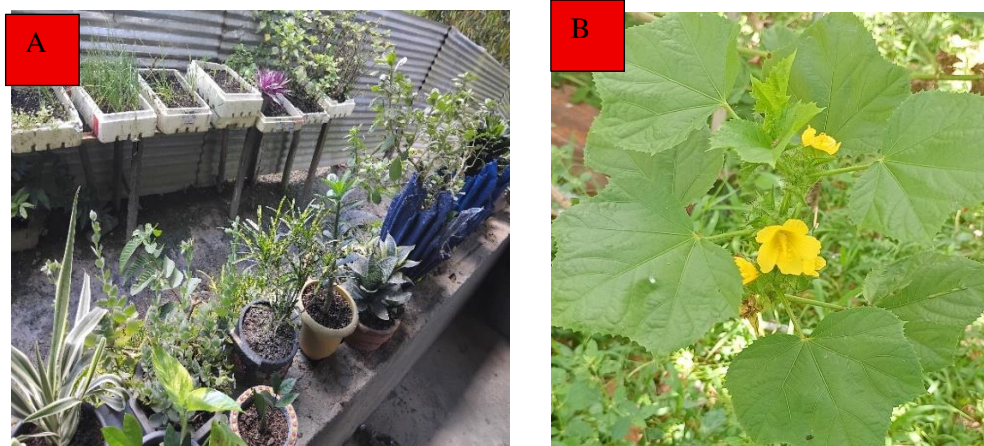
5. A planta é conhecida apenas como malva ou por outros nomes?
6. Como você costuma utilizar a malva em sua rotina (por exemplo, chás, pomadas, emplasto, garrafada, etc.)?
7. Em que situações você recomenda o uso da malva?
8. Costuma usar outras plantas junto com a malva?
9. Você já ouviu histórias ou experiências de outras pessoas sobre o uso da malva?
10. Você aprendeu sobre a utilização da malva com alguém? Se sim, quem foi essa pessoa?
11. Você concorda que os conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais, como a malva, estão se perdendo na sua comunidade?
12. Que mensagem você gostaria de passar para as futuras gerações sobre o uso de plantas medicinais?

Fonte: Seabra, S.F.L, 2024.

5.2 Visita e Observações no local onde as amostras foram coletadas.

O local de estudo está situado no bairro Vila Paraíso, na Rua Edson Soares, no município de Tabatinga-AM, com uma extensão de 1 km. Durante as visitas para as entrevistas, observou-se que a maioria dos moradores cultivam uma variedade de plantas medicinais em seus quintais (Figura 3. A), entre elas a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) (Figura 3. B).

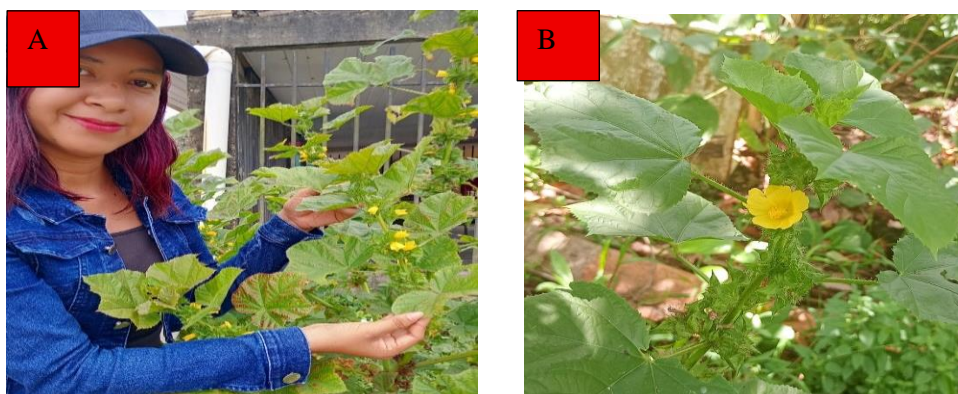
Figura 3. A) Variedade de plantas medicinais; B) *Malachra alceifolia* Jacq. (malva).



Fonte: Seabra, S.F.L,2024.

Durante o percurso da pesquisa, na residência do sexto entrevistado, foi encontrada a planta *Malachra alceifolia* Jacq. (malva), apresentando inflorescência de tonalidade amarela em densos cachos axilares ou terminais e medindo aproximadamente 1,5m de altura (Figura 4.A, B). De acordo com Mardenallison (2024) a inflorescência é uma parte da planta onde várias flores crescem juntas no mesmo lugar, ajudando na reprodução.

Figura 4.A, B Espécie *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) apresentando flores.



Fonte: Seabra, S.F.L,2024.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Características Botânicas da Família Malvaceae.

A família Malvaceae tem uma distribuição majoritariamente tropical, englobando aproximadamente 250 gêneros e 4200 espécies. No Brasil, são encontradas cerca de 70 gêneros e 750 espécies (Souza; Lorenzi, 2019).

Segundo Joly (2002), a família Malvaceae refere-se as plantas de diferentes hábitos, incluindo ervas, arbustos e árvores, com folhas inteiras ou muito lobadas ou divididas ou sempre palminérvias, dispostas de forma alternada, com estípulas. As flores são geralmente grandes e chamativas, cíclicas e hermafroditas, muitas vezes triclâmídeas devido ao desenvolvimento de um cálice externo. As pétalas costumam estar unidas na base. O androceu possui muitos estames, sempre com filetes parcialmente unidos formando um longo tubo (andróforo, coluna) que envolve o gineceu. As anteras sempre têm uma única teca. O polén é sempre espinhoso. O ovário súpero, pentacarpelar e pentalocular, às vezes multicarpelar e multiloculado; cada câmara contém dois óvulos. O fruto é baciforme, capsular loculicida ou esquizocárpico com frutículos apendiculados (*Pavonia*, *Sida*), que podem ser transportados por pelos dos animais e pelo ser humano (um dos vários tipos de carrapicho).

5.2 Descrição da Espécie *Malachra alceifolia* Jacq. (malva)

Para a classificação taxonômica, utilizou-se a hierarquia proposta por Cronquist (1981):

Reino: Plantae

Divisão (= filo): Magnoliophyta

Classe: Magnoliopsida

Ordem: Malvales

Família Malvaceae

Gênero: *Malachra* L.

Espécie: *Malachra alceifolia* Jacq.

Cervantes-Ceballos *et al.* (2023) indicam que a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) pertencente à família Malvaceae, é originária de regiões tropicais da América do Sul e Central, além do Caribe e África.

O presente estudo investiga a espécie *Malachra alceifolia* Jacq. conhecida como malva, malva-da-índia ou borragem, que é uma planta herbácea ou subarborescente que pode atingir até 2 metros de altura. Seu ciclo reprodutivo é contínuo ao longo do ano, sendo valorizada por suas propriedades terapêuticas (Ríos, 2014).

A *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) do gênero *Malachra* L., apresenta características morfológicas distintas que auxiliam em sua identificação. Suas partes aéreas e pecíolos são hispídeos, simples, flavescentes, base tuberculada, pelos dispersos, curtos, em forma de estrela. Os nós são alongados e os caules exibem pubescência, com tonalidades que variam do verde ao avermelhado. As folhas são simples, opostas e lobadas, pode possuir até cinco lóbulos, com pubescência e margens serrilhadas. As inflorescências surgem nas axilas foliares, acompanhadas por brácteas pontiagudas, e exibem flores amarelas com cinco pétalas, medindo cerca de 2 a 3 cm de diâmetro. Os frutos apresentam brácteas e o cálice, e contêm sementes achatadas, escuras e pequenas, com até 2 mm de diâmetro (Cervantes-Ceballos *et al.*, 2022).

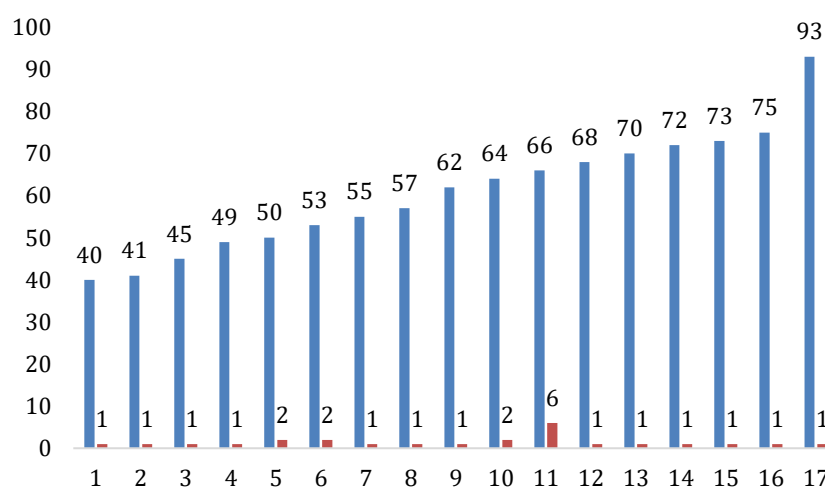
A análise fitoquímica das folhas e flores da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva), revelou a presença de compostos como flavonoides, triterpenos, antocianinas, leucoantocianidinas e saponinas, reconhecidos por suas propriedades benéficas a saúde. (Guerrero; Vejarano; Ochoa, 2014).

Feitoza e Pereira (2024), explicam que as diversas culturas ao redor do mundo incorporam o uso de plantas medicinais e suas práticas tradicionais, baseando-se em conhecimentos transmitidos entre gerações por meio da observação e da experiência. Essa sabedoria popular construída ao longo do tempo, tem contribuído significativamente para a pesquisa científica e o avanço dos tratamentos fitoterápicos.

6.3 Entrevistados no Bairro Vila Paraíso, no Município de Tabatinga- AM.

A população do município de Tabatinga-AM é estimada em 72.283 habitantes. Foram realizadas 25 entrevistas, nas quais se observou uma grande variação em relação à faixa etária. A amostra foi composta por participantes com idades entre 40 e 93 anos, sendo a média etária de 57 anos (Figura 5). Percebeu-se que os indivíduos mais velhos demonstram maior vínculo com o uso tradicional de plantas medicinais.

Figura 5. Idade dos entrevistados no bairro Vila Paraíso, no município de Tabatinga- AM.



Fonte: Seabra. S. F. L. 2024.

A Figura 5 ilustra a distribuição etária dos participantes, evidenciando que a maior parte dos entrevistados pertence à faixa etária acima de 50 anos, com uma concentração significativa de pessoas com mais de 60 anos.

Observou-se que os entrevistados mais velhos, particularmente aqueles com idades superiores a 70 anos, demonstraram maior confiança e credibilidade nos benefícios dos fitoterápicos, especialmente no que se refere ao uso de plantas como a malva. Esse padrão pode estar relacionado à experiência acumulada ao longo dos anos e ao uso tradicional de plantas medicinais como parte de cuidados com a saúde. A crença na eficácia dos fitoterápicos é frequentemente associada à transmissão de conhecimentos tradicionais entre gerações, o que é comum em comunidades rurais ou mais isoladas, como é o caso do bairro Vila Paraíso.

Além disso, a população idosa tende a valorizar mais os tratamentos naturais, muitas vezes devido à busca por alternativas menos invasivas ou com menos efeitos colaterais em comparação aos medicamentos farmacêuticos. A utilização dessas plantas é um reflexo da

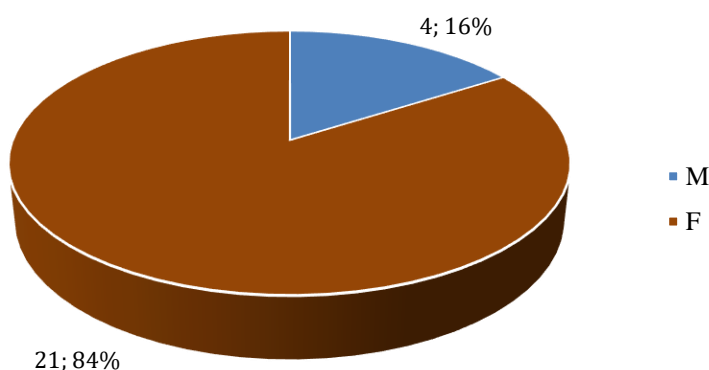
sabedoria popular, que preserva o conhecimento sobre plantas medicinais, transmitido de geração em geração.

Por outro lado, os entrevistados mais jovens, embora ainda receptivos ao uso de fitoterápicos, demonstraram uma tendência maior a confiar em tratamentos farmacológicos convencionais. Isso pode ser atribuído à crescente urbanização e ao acesso mais facilitado a medicamentos industrializados, o que reduz a dependência das plantas medicinais.

Enfim, os resultados indicam que a faixa etária mais avançada possui um maior envolvimento e valorização do uso de plantas medicinais, especialmente os fitoterápicos, o que pode ser um indicativo de que o conhecimento sobre essas práticas ainda é mais forte entre as gerações mais velhas, embora a aceitação e o uso de plantas como a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) também estejam presentes nas gerações mais jovens.

Foi analisada a sexualidade dos entrevistados do bairro Vila Paraíso (Figura 6), para verificar quantas pessoas do sexo feminino e masculino, tem conhecimento sobre a planta *Malachra alceifolia* Jacq. (malva).

Figura 6. Indivíduos do sexo feminino e masculino entrevistados no bairro Vila Paraíso no município de Tabatinga-AM.



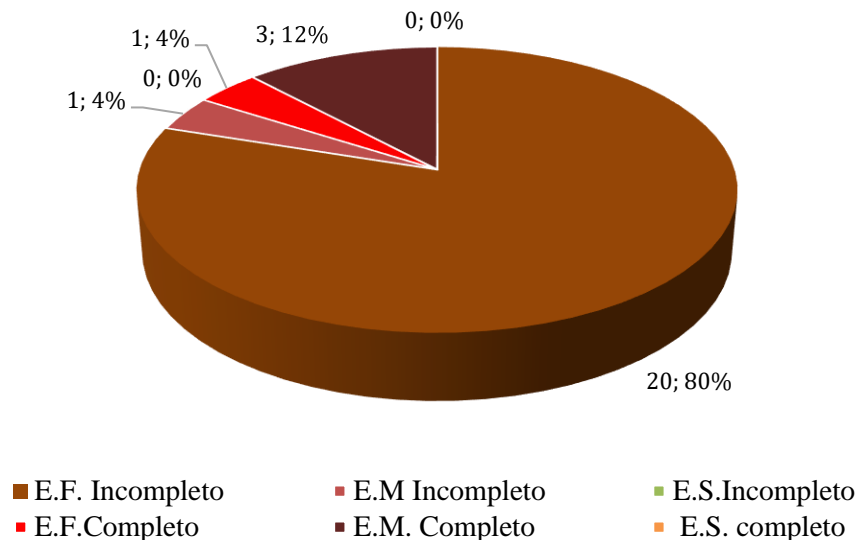
Fonte: Seabra. S. F. L. 2024.

A Figura 6, mostra a distribuição de entrevistados por sexo (masculino e feminino) no bairro Vila Paraíso, no município de Tabatinga-AM. Observou-se que o sexo masculino representa uma frequência relativa estimada em 16%, enquanto o sexo feminino apresentou um índice maior de 84%. A presença marcante das mulheres ressalta sua importância na transmissão de conhecimentos entre gerações, especialmente no que diz respeito ao cuidado da saúde familiar por meio do uso de plantas medicinais. A interação diária e a divisão de tarefas

conforme o gênero promovem a troca de experiências e valores entre os membros da família, que variam entre homens e mulheres. Assim, o conhecimento sobre plantas medicinais é, em grande parte, passado das mulheres mais velhas para as mais novas (Ceolin *et al.*, 2011).

Na figura a seguir, observa-se o nível de escolaridade dos entrevistados no bairro Vila Paraíso.

Figura 7. Nível de escolaridade dos entrevistados no bairro Vila Paraíso no município de Tabatinga-AM.



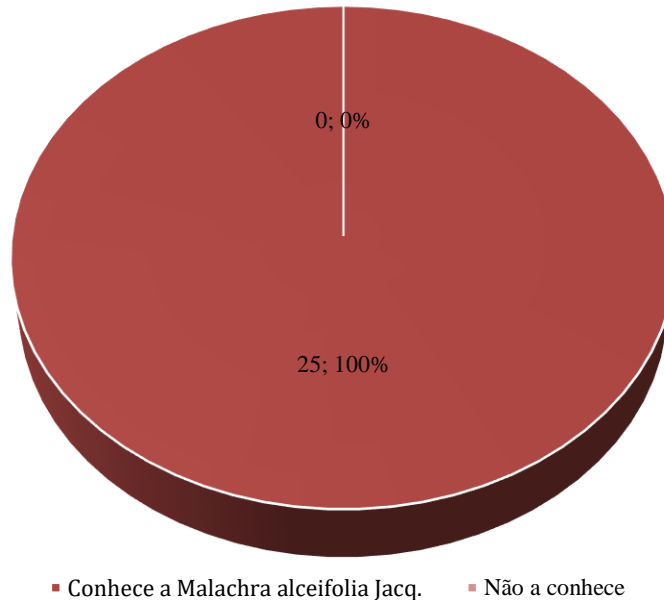
Fonte: Seabra. S. F. L. 2024

Na figura 7, constatou-se que o nível de escolaridade dos entrevistados variou da seguinte forma: 80% das pessoas possuíam Ensino Fundamental Incompleto (E.F. Incompleto), 4% tinham Ensino Médio Incompleto (E.M. Incompleto), e 0% possuíam Ensino Superior Incompleto ou Completo (E.S. Incompleto/E.S. Completo). Observou-se também que apenas 12% dos entrevistados haviam concluído o Ensino Médio (E.M. Completo), em comparação a 4% que haviam concluído o Ensino Fundamental (E.F. Completo).

Notou-se durante as entrevistas que, à falta de oportunidades limitou o acesso à educação, resultando em baixos índices de escolaridade.

Observa-se na figura a seguir, o número de entrevistados que conhecem a malva no bairro Vila Paraíso no município de Tabatinga-AM.

Figura 8. Número de entrevistados que conhecem a malva no bairro Vila Paraíso no município de Tabatinga-AM.

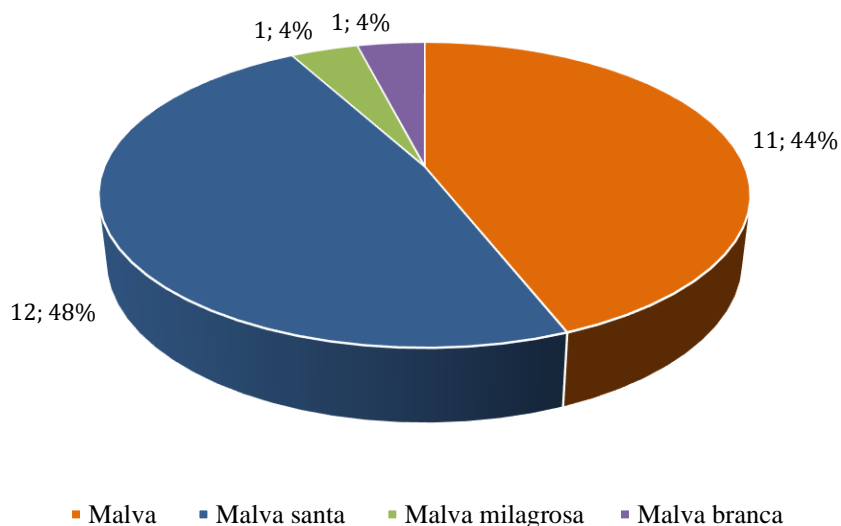


Fonte: Seabra. S. F. L. 2024

É importante destacar que, durante a coleta de dados, todos os entrevistados (100%) declararam conhecer a planta *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) e utilizá-la com finalidades terapêuticas. Isso demonstra a forte ligação entre a cultura local e o uso de plantas medicinais. Esse conhecimento tradicional reflete práticas de medicina natural e destaca a importância da planta em estudo.

Segundo a figura 9, constata-se os nomes populares da malva.

Figura 9. Nomes populares da planta medicinal *Malachra alceifolia* Jacq. (malva).



Fonte: Seabra. S. F. L. 2024

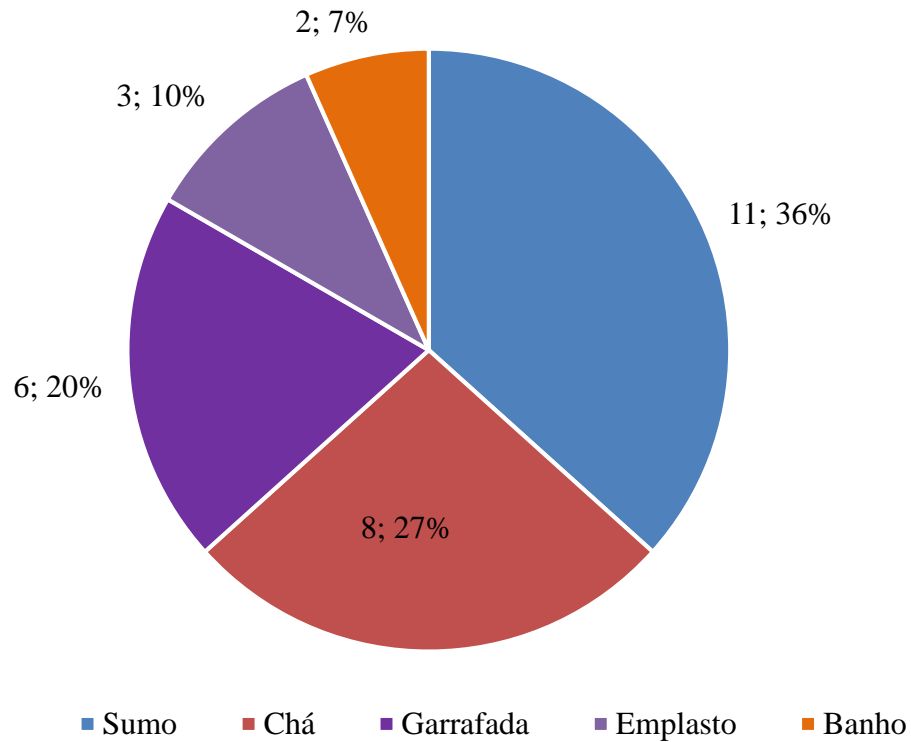
Durante as entrevistas, 48% dos entrevistados afirmaram conhecer a *Malachra alceifolia* Jacq. como malva-santa. Além disso, 4% mencionaram que o nome popular da planta é malva milagrosa, outros 4% conhecem por malva branca (figura 9).

É importante frisar que o nome popular de uma planta pode variar de região para região. Nesse sentido, é comum que os livros cite tanto os nomes científicos quanto os nomes populares pelos quais os usuários das plantas medicinais tradicionalmente as conhecem, sendo que os nomes populares muitas vezes abrem espaço para aspectos culturais e até religiosos. Nas entrevistas, notou-se que 44% das pessoas conhecem a planta *Malachra alceifolia* Jacq. pelo nome popular "malva". Segundo a literatura, esse termo engloba uma ampla diversidade de espécies, entre as quais se destacam na medicina popular a "malva-de-jardim" (*Malva sylvestris* L.) e a "malva-santa" (*Malva parviflora* L.) (Silva; Liberato, 2023).

Esses nomes populares refletem a familiaridade e a utilidade da planta no cotidiano dos moradores, indicando que ela é bastante utilizada, mas com variações no vocabulário regional. Essa diversidade de nomes populares está ligada ao forte vínculo entre as pessoas e a natureza local, além de refletir a forma como a cultura regional impacta a identificação e o uso das plantas medicinais. A pluralidade de denominações é comum em áreas onde o conhecimento sobre as plantas é transmitido oralmente, e esses nomes podem variar de acordo com a região, o tempo e as características observadas pelas populações que utilizam a planta.

Na figura abaixo, observamos as formas de uso da malva.

Figura 10. Diferentes formas de utilização da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva).



Fonte: Seabra. S. F. L. 2024

A figura 10 mostra que a maioria das pessoas utilizam a planta medicinal *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) na forma de sumo, equivalente a 36% dos entrevistados, 27% na forma de chá, 20% em garrafada, 10% em emplastos e, por fim, 7% em banho. De acordo com a literatura, as plantas são empregadas na rotina de indivíduos que desejam curar ou evitar doenças, possuindo um composto ativo para cada efeito terapêutico.

Esses princípios ativos podem atuar de diversas maneiras no organismo, ajudando a aliviar sintomas, fortalecer o sistema imunológico ou promover a cura de condições de saúde. Assim, o uso das plantas se torna uma prática valiosa na busca por alternativas naturais para o cuidado com a saúde (Santos *et al.*, 2022).

A figura 11 apresenta as ilustrações do banho, chá, garrafada, sumo e emplasto da planta malva.

Figura 11. Preparo do banho com folhas frescas.



Fonte: Seabra, S.F.L, 2024.

Durante as visitas, foi possível documentar os diferentes modos de preparo da malva, incluindo banhos, chás, garrafadas, sumo e emplasto. Para o preparo do banho (Figura 11), utilizam-se folhas frescas de *Malachra alceifolia* Jacq. (malva), associadas a outras plantas, como manjeriço, alho bravo e japana branca. As partes vegetais são dispostas em uma bacia com água, e a mistura é esfregada com as mãos até que os princípios ativos sejam liberados na água. A solução obtida é utilizada diretamente sobre o corpo durante o banho, sem necessidade de fervura. Este método é especialmente empregado para febre e dor de cabeça. De acordo com Silva (2021), os banhos medicinais, amplamente utilizados nas culturas afrodescendentes e indígenas no Brasil, são formas de administração tópica de fármacos naturais que podem tratar diversos problemas de saúde simultaneamente. Apesar de serem praticados por diferentes segmentos da população, esses banhos ainda são marginalizados em relação aos tratamentos médicos convencionais predominantes nos grandes centros urbanos.

Figura 12. Infusão do chá.



Fonte: Seabra, S.F.L, 2024.

O chá é preparado por infusão (Figura 12). A infusão é um processo utilizado com partes menos rígidas da planta como folhas, flores e cascas finas, que consiste na fervura da água, seguida do despejo sobre o material vegetal em um recipiente, que deve ser tampado (Tavares *et al.*, 2015). Primeiramente, leva-se a água ao ponto de fervura. Em seguida, com o fogo já desligado, adicionam-se aproximadamente cinco folhas frescas da malva. O recipiente é tampado e deixado em infusão por cerca de 10 minutos. Após esse tempo, o líquido é coado e ingerido morno. Segundo os relatos, o chá é indicado para infecções intestinais, dores no útero, inflamações e distúrbios gástricos como gastrite.

Segundo Almeida (2011) o preparo de chás medicinais deve considerar a sensibilidade, a idade e o tipo de enfermidade da pessoa, evitando-se infusões muito concentrada. Além disso, o uso contínuo e excessivo deve ser evitado, uma vez que o chá não deve ser consumido como se fosse água. Gestantes, em especial, não devem utilizar chás medicinais, pois diversas plantas podem provocar abortos ou malformações no feto, representando riscos à vida do bebê.

Figura 13. Garrafada com segmentos do caule.



Fonte: Seabra, S.F.L, 2024.

Quanto à garrafada (Figura13), retira-se entre três a cinco segmentos do caule da planta, que são introduzidos em uma garrafa plástica com capacidade de dois litros, contendo água filtrada. O recipiente é mantido em repouso por um período mínimo de 48 horas, tempo considerado necessário para a liberação dos compostos ativos da planta na água. A ingestão é feita em pequenas porções diárias. Essa preparação é usada principalmente para problemas hepáticos e digestivos, como prisão de ventre e gastrite.

Conforme Ferreira e Marques (2018), as garrafadas são preparações tradicionais da medicina popular que consistem em combinações de plantas medicinais, podendo também incluir substâncias de origem animal ou mineral, diluídas geralmente em aguardente ou vinho, sendo utilizadas no tratamento de diferentes tipos de enfermidades.

Figura 14. Preparo do sumo com folhas frescas.



Fonte: Seabra, S.F.L, 2024.

O sumo é preparado com folhas frescas da malva, que são cuidadosamente lavadas, picadas e colocadas no liquidificador com uma pequena quantidade de água (Figura 14). A mistura é processada até atingir consistência homogênea. O conteúdo é coado com pano limpo ou peneira fina, obtendo-se um líquido esverdeado que deve ser consumido imediatamente. De acordo com os relatos, o sumo é utilizado no tratamento de prisão de ventre e problemas urinários.

Lorenzi e Matos (2008), explicam que o sumo extraído das plantas deve ser utilizado logo após a coleta ou, caso não seja empregado de imediato precisa ser conservado sob refrigeração para manter suas propriedades medicinais.

Figura 15. Aplicação de emplasto com folhas aquecidas.



Fonte: Seabra, S.F.L, 2024.

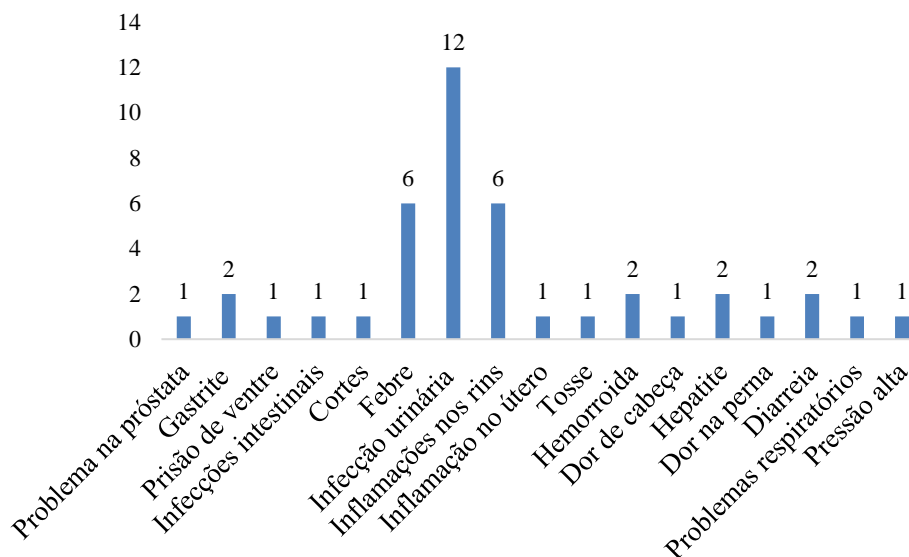
Para a aplicação tópica em forma de emplasto, são selecionadas três folhas inteiras da malva, que são lavadas e levemente aquecidas diretamente na chama do fogão, até ficarem maleáveis (Figura 15). As folhas aquecidas são aplicadas sobre a área afetada da pele, como em cortes, inchaços ou dores musculares. Um pano limpo ou gaze pode ser utilizado para fixar o emplasto, que deve permanecer na região por cerca de 30 minutos a 1 hora.

O emplasto é uma forma de uso externo das plantas medicinais, sendo aplicado sobre a pele da área afetada entre dois panos finos. Essa preparação é geralmente utilizada quente para auxiliar na resolução de tumores, furúnculos e infecções ao redor das unhas, e de forma morna para aliviar inflamações dolorosas decorrentes de contusões e entorses (Lorenzi; Matos, 2008).

Na preparação do remédio caseiro, observou-se que as folhas da planta *Malachra alceaifolia* Jacq. (malva) são as mais utilizadas, seguida pelo caule. Segundo Freitas *et al.* (2012), as folhas são mais usadas porque as plantas herbáceas, mantêm essas estruturas disponíveis durante o ano todo, facilitando o acesso contínuo para uso medicinal.

Na figura 16, observa-se as recomendações de uso da malva.

Figura 16. Indicações de Uso da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) no tratamento de doenças.



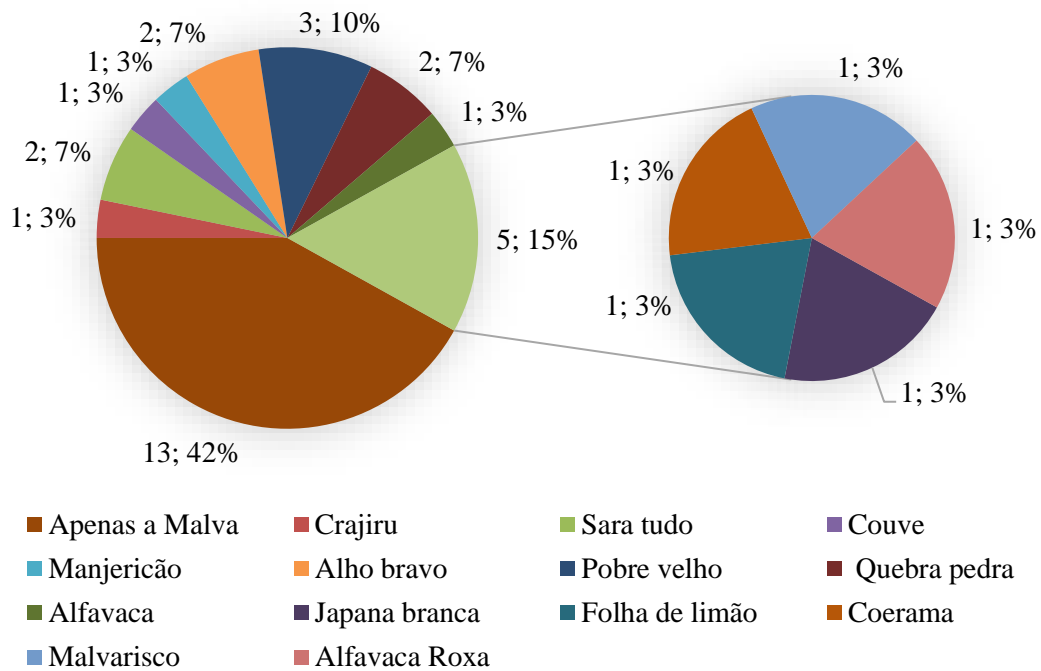
Fonte: Seabra. S. F. L. 2024.

A figura 16 mostra as principais indicações da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) para tratar ou prevenir doenças, sendo necessário saber como administrá-la corretamente para evitar problemas de saúde. De acordo com Braga (2011), é importante reconhecer que nem todas as plantas possuem propriedades medicinais, já que algumas podem ser tóxicas e provocar efeitos adversos, que variam desde leves intoxicações até situações graves, como risco de morte. Esses efeitos podem surgir tanto por doses pequenas com ação imediata quanto por exposição prolongada.

Com base na Figura, observa-se o uso da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) no município de Tabatinga-AM, para o tratamento de diversas enfermidades, com uma média de 1,8 no tratamento de doenças como problemas de próstata, prisão de ventre, infecções intestinais, cortes, inflamação no útero, tosse, dor de cabeça, dor nas pernas, problemas respiratórios e até pressão alta. Notou-se que o uso medicinal da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) é bastante comum no tratamento de gastrite, hemorroidas, hepatite e diarreia, com uma média de 2,1 entre as 25 pessoas entrevistadas. A média atingiu 6,2 para o tratamento de febre e inflamações nos rins, e o número máximo de 12,5 foi observado no uso contra infecções urinárias.

Na figura 17, nota-se as plantas utilizadas com a malva.

Figura 17. Distribuição das plantas utilizadas em associação com a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva).



Fonte: Seabra. S. F. L. 2024.

Na utilização de *Malachra alceifolia* Jacq. (malva), 42% dos entrevistados disseram que utilizam apenas a malva como alternativa de tratamento para determinadas doenças. Os 3% referem-se as pessoas que usam outras espécies medicinais junto com a malva, como: crajirú, couve, manjericão, alfavaca, alfavaca roxa, japana branca, folha de limão, coerama e malvarisco. Em seguida, 7% fazem uso do alho bravo, sara-tudo e quebra-pedra com a malva. Os 10% consomem a planta malva com o pobre velho. São práticas comuns em contextos de medicina popular, que visam potencializar os efeitos terapêuticos das preparações caseiras.

De acordo com Ferreira, Batista e Pasa (2015), o uso popular de plantas medicinais é uma prática tradicional que atravessa gerações, sendo transmitida principalmente de forma oral no cotidiano das comunidades, sem a necessidade de registros formais. Esse conhecimento é parte integrante da cultura local e se mantém vivo no contexto familiar e social.

Quando questionados sobre as histórias e experiências de uso da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva), os entrevistados relataram casos envolvendo familiares e vizinhos, como pode ser verificado nas falas a seguir:

(1) "Minha irmã tomou uma garrafada do caule da planta e isso foi bom para tratar a gastrite."

(2) "Meu vizinho tinha febre, fez o banho de malva, tomou e melhorou. Em caso de cortes, utilizo o emplastro com a malva cozida e também faço chá para infecção"

intestinal."

(3) "Meu marido fez o chá usando uma boa quantidade das folhas por meses para tratar a gastrite. Primeiro, deixou a água ferver, depois colocou as folhas e abafou com uma tampa. Quando ficou morno, ele começou a tomar e com o passar do tempo ficou melhor."

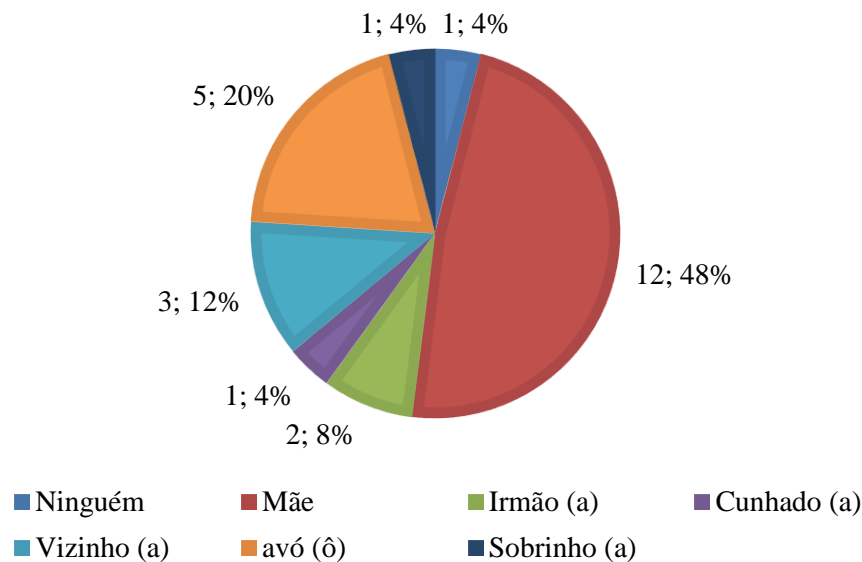
(4) "Meu pai usou o sumo da malva para prisão de ventre e no mesmo dia teve um bom resultado."

Segundo Cervantes-Ceballos *et al.* (2022), a planta em estudo, é usada para tratar inflamação, obstrução nasal, malária, parto, distúrbios renais, dor de cabeça e febre.

As plantas da espécie *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) são caracterizadas por suas propriedades anti-inflamatórias, antipiréticas, diuréticas, emolientes, estimulantes e galactogênicas. São indicadas para o tratamento de abscessos, pancadas, inchaços, inflamações oculares, inflamações renais e em duchas vaginais. (Ríos, 2014).

Na figura 18, observa-se com quem os entrevistados aprenderam a utilizar a planta medicinal malva.

Figura 18. Fontes de Aprendizado sobre a utilização da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva).



Fonte: Seabra. S. F. L. 2024.

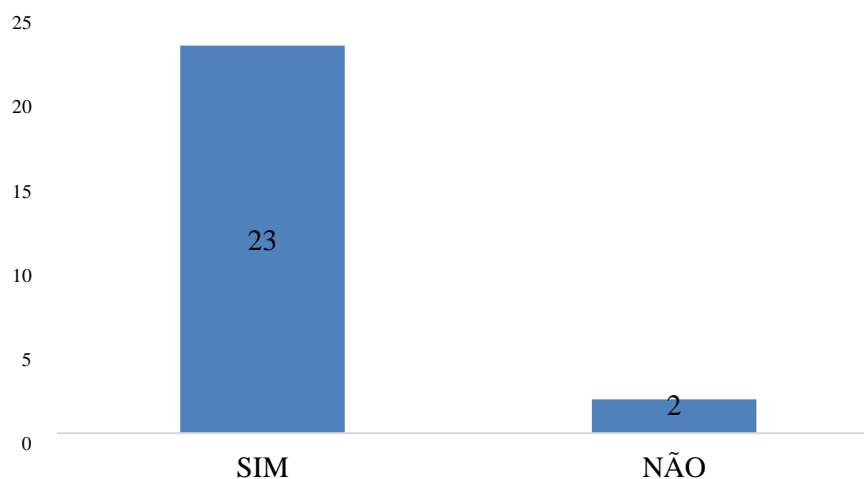
De acordo com a pesquisa, a maior parte dos entrevistados, atingindo a média de 48%, responderam que o aprendizado sobre a planta medicinal tem origem materna. Os 20% obtiveram esse conhecimento a partir do convívio com os avós, enquanto 12% afirmaram que aprenderam a fazer o uso da planta *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) com os vizinhos.

Observou-se uma diminuição na porcentagem quando se trata de irmãos (8%), cunhados (as) e sobrinhos (as) com uma porcentagem de 4%.

Constatou-se que a principal forma de aquisição do conhecimento sobre a planta medicinal foi por meio de familiares, com maior porcentagem proveniente da mãe, apontada como a principal fonte de transmissão desse conhecimento. Santos (2014) enfatiza que o conhecimento sobre plantas medicinais é predominantemente transmitido de forma oral, sendo as pessoas mais velhas, especialmente as mulheres, as principais responsáveis por sua preservação.

Na figura 19, podemos observar a crescente perda dos conhecimentos tradicionais a respeito das plantas medicinais na comunidade.

Figura 19. Gráfico sobre a perda do conhecimento tradicional em plantas medicinais.



Fonte: Seabra. S. F. L. 2024.

Conforme ilustrado na figura 15, 23 pessoas das 25 entrevistadas (92%) disseram que “sim”, os conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais estão se perdendo na comunidade, e apenas 2 pessoas (8%) negaram dizendo que “não”. Segundo Amorozo (2002), a perda do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais decorre, em parte, da desvalorização dos saberes locais pelas novas gerações e do fortalecimento da medicina alopática como única alternativa válida.

Percebeu-se durante as entrevistas que há forte necessidade de resgatar o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais entre os jovens, pois este conhecimento é crucial para a

saúde. A transmissão deste saber para as novas gerações garante a continuidade de práticas medicinais ancestrais.

No decorrer da pesquisa, os entrevistados deixaram mensagens importantes para as futuras gerações sobre o conhecimento de plantas medicinais. Duas delas se destacaram:

- (1) “Procure valorizar aquilo que seus pais ou avós ensinam sobre o uso das plantas, para que vocês possam repassar essas informações para seus filhos e netos”.
- (2) “Acredite nas plantas medicinais porque elas podem salvar vidas nos momentos mais difíceis”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa permitiu compreender a importância da *Malachra alceifolia* Jacq. (malva) no contexto do conhecimento tradicional e da medicina popular praticada pelos moradores do bairro Vila Paraíso, no município de Tabatinga- AM. Observou-se a relevância da planta no tratamento de diversas doenças, sendo valorizada não apenas por suas propriedades terapêuticas, mas também pelo seu significado cultural na comunidade.

A investigação possibilitou identificar a espécie, registrar suas formas de uso e entender como esse saber tem sido mantido por meio da oralidade, especialmente entre familiares. Além disso, constatou-se um declínio na transmissão desses conhecimentos, o que reforça a urgência em preservá-los. Embora a malva seja mais conhecida pelo seu uso medicinal, muitos moradores também a utilizam como planta ornamental e para artesanato.

São necessárias mais investigações sobre a *Malachra alceifolia* Jacq. (malva), considerando a limitação de estudos disponíveis. Essa planta contém um potencial terapêutico relevante, e é crucial expandir o conhecimento a seu respeito. Os resultados obtidos podem fundamentar pesquisas futuras, além de destacar a importância do saber tradicional da comunidade. É fundamental que a comunidade continue a preservar a espécie, assegurando que o conhecimento permaneça por muitos anos.

De maneira geral, os objetivos da pesquisa foram alcançados, uma vez que se conseguiu documentar o uso da planta, analisar sua importância local e destacar o papel da tradição no cuidado com a saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à etnobotânica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2005.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 3.ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

AMOROZO, M. C.M. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. In: DI STASI, L. C. (Org.). *Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar*. Botucatu: UNESP, 1996.

AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, [s.l.], v.16, n.2, p.189-203, 2002.

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Orientações sobre o Uso de Fitoterápicos e Plantas Medicinais**. Brasília, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/medicamentos/publicacoes-sobre-medicamentos/orientacoes-sobre-o-uso-de-fitoterapicos-e-plantas-medicinais.pdf>>. Acesso em: 15 de jan. 2025.

BRAGA, C. M. **Histórico da utilização de plantas medicinais**. Monografia (Licenciatura em Biologia) - Consórcio Setentrional de Educação a Distância, Universidade de Brasília e Universidade Estadual de Goiás, Brasília, 2011.

CEOLIN, T.; HECK, R. M.; BARBIERI, R. L.; SCHWARTZ, E.; MUNIZ, R. M.; PILLON, C. N. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. **Rev Esc Enferm USP**, [s.l.], v.45, n.1, p.47-54, 2011.

CERVANTES-CEBALLOS, L.; MERCADO-CAMARGO, J.; OLMO-FERNÁNDEZ, E.; SERRANO-GARCÍA, M. L.; ROBLEDO, S. M.; GÓMEZ-ESTRADA, H. Atividade antileishmania e estudos de docagem molecular in silico de frações de *Malachra alceifolia* Jacq. contra amastigotas de *Leishmania mexicana*. **Medicina Tropical e Doenças Infecciosas**, [s.l.], v.8, n.2, p.115, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/tropicalmed8020115>>. Acesso em: 05 de jan. 2025.

CERVANTES-CEBALLOS, L.; SÁNCHEZ-HOYOS, J.; SANCHEZ-HOYOS, F.; TORRES-NIÑO, E.; MERCADO-CAMARGO, J.; ECHEVERRY-GÓMEZ, A.; JOTTY-ARROYO, K.; OLMO-FERNÁNDEZ, E.; GÓMEZ-ESTRADA, H. Uma visão geral do gênero *Malachra* L. — Etnobotânica, fitoquímica e atividade farmacológica. **Plantas**, [s.l.], v.11, n.21, p. 2808, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/plants11212808>>. Acesso em: 05 de jan. 2025.

CRONQUIST, A. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York: Columbia University Press, 1981. 1262 p.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

FEITOZA, M. C. A.; PEREIRA, L. R. A. B. Plantas Medicinais no Tratamento de Doenças Crônicas. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, Cajazeiras, v.11, p. 78-92, 2024.

FERREIRA, A. L. S.; BATISTA, C. A. S.; PASA, M. C. **Uso de Plantas Medicinais na Comunidade Quilombola Mata Cavalo em Nossa Senhora do Livramento – MT, Brasil. Biodiversidade**, Mato Grosso, v.14, n.1, p.151-160, 2015.

FERREIRA, L. A. Q.; MARQUES, C. A. Garrafadas: uma abordagem analítica. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 12, n.3, p. 243-262, 2018.

FIGUEIREDO, N. M.A. **Método e Metodologia na Pesquisa Científica**. 3.ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2009.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F.B; MAIA, S. S. S; AZEVEDO, R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil, **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v.10, n.1, p. 48-59, 2012.

GUERRERO, T.; VEJARANO, P.; OCHOA, R. Triagem Fitoquímica e Quantificação de Flavonoides Totais de Folhas e Flores de *Malachra alceifolia* Jacq. **Pesquisa e Amazônia**, [s.l.], v.4, p.70-75, 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - 2022. Município de Tabatinga. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/tabatinga/panorama>>. Acesso em: 25 de nov. 2024.

JOLY, A. B. **Botânica: Introdução à taxonomia vegetal**. 13.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

LEITE, I. A.; MORAIS, A. M.; Ó, K. D.S.; CARNEIRO, R. G.; LEITE, C. A. A Etnobotânica de Plantas Medicinais no Município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Biodiversidade**, v.14, n.1, p.22-30, 2015.

LOPES, L. F. D. **Apostila Estatística**. Santa Catarina: UFSC, 2003.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2.ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

MARDENALLISON. **O que é: Inflorescência**. In, 2024. Disponível em: <<https://informedenoticias.com.br/glossario/o-que-e-inflorescencia-entenda-sua-importancia/>>. Acesso em: 5 de jan. 2025.

MORAES, A.C.M. **Uso e Diversidade de Plantas Medicinais na Comunidade Indígena de Belém do Solimões, Tabatinga, AM: Um Estudo Etnobotânico**. Monografia – Graduação no Curso de Especialização em Conservação dos Recursos Naturais, Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CESTB). Tabatinga, 2015.

PASSOS, L. G. **Conhecimento Etnobotânico na Comunidade Divino Espírito Santo no Distrito de Vale Verde, Bahia, Nordeste do Brasil**. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais, Universidade Federal do Sul da Bahia. Porto Seguro, 2019.

PEREIRA, G. M. Etnobotânica no Brasil: uma reflexão histórica. **Scientia Naturalis**, v. 5, n. 2, p. 913-924, 2023.

PROETTI, S. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen**, [s.l.], v. 2, n. 4, p. 2447-8717, 2017.

RÍOS, J. *Malachra alceifolia Jacq.* Plantas medicinais do Panamá. 22 de nov. 2014. Disponível em: < <https://plantasmedicinalesdepanama.blogspot.com/>>. Acesso em: 05 de jan. 2025.

SANTOS, J. C. P.; ALMEIDA, S. L.; NOGUEIRA, A. F. A.; M' BATNA, A. J.; FERNANDES, M. R. N.; SILVA, C. M. L.; FELÍCIO, J. F.; SILVA, F. M.; SILVA, F. D. F. C.; AMARAL, J. F. Plantas medicinais e fitoterapia: saúde, sustentabilidade e biodiversidade. *In*: AMARAL, J. F. (Org.). **Abordagens interdisciplinares sobre plantas medicinais e fitoterapia: saúde, sustentabilidade e biodiversidade**. 1. ed. Guarujá-SP: Científica Digital, 2022.

SANTOS, L. M. Ecologia de saberes: a experiência do diálogo entre conhecimento científico e conhecimento tradicional na comunidade quilombola da Rocinha. **Tempus, atos de saúde colet**, Brasília, v. 8, n.2, p. 243-256, jun, 2014.

SILVA, F.P. **Utilização dos banhos medicinais por diferentes grupos étnicos brasileiros**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, [s.l.], v.2, p.30-40, 2021.

SILVA, L. R.; LIBERATO, M. C. T. C. A utilização da malva na medicina natural. *In*: LIBERATO, M. C. T. C. **Pesquisas Bibliográficas Realizadas por Alunos das Disciplinas de Bioquímica e Química dos Alimentos**. 1. ed. Belo Horizonte: Poisson, 2023.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática**. 4.ed. Nova Odessa, SP: Jardim Botânico Plantarum, 2019.

TAVARES, S. A.; BARBOSA, M. C. S.; CAMPOS, C. A. C.; LUCENA, A. G. **Plantas Medicinais**. Brasília, DF: Emater-DF, 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.